

ANOS 60

O final da década de 50 foi marcado por dificuldades financeiras. O número reduzido de associados era uma das razões pois a publicidade ainda não era a receita principal. Naquele período, os sócios da Catarinense ainda contribuía mensalmente, como era de praxe nas emissoras de todo o Brasil. Em 1960 e 1961 a Rádio teve novo impulso, ao ser beneficiada por contribuições voluntárias anuais de pessoas que reconheciam sua importância e se preocupavam em melhorar suas condições de operação. É justo que sejam lembrados e homenageados esses personagens: Albino Sganzerla, João Badoti, Djalma Henrique, Orivil Zago, Miguel Kalinoski, Ancelmo Zílio, Normélio Zílio, Brasília Celestino de Oliveira, Ancelmo Zanelato, Alfredo Ítalo Remor, Irineu Bornhausen, Dário Bortoluzzi, Paulo Bornhausen, Moacir Dallanora, Albino de Marco Gonçalo, Valdir Groto, Eduardo Betio e outros. Segundo Miguel Kalinoski, cada um dos sócios se comprometeu a participar da sociedade, sem o objetivo inicial de lucro. A idéia era apenas recuperar financeira e estruturalmente a Rádio, intento alcançado, pois, segundo o próprio Miguel, que nessa época assumiu a direção, a Catarinense recuperou seu prestígio, saneou suas finanças, adquiriu equipamentos mais modernos e contratou novos profissionais, entre eles: Herta Bleil, Silvio Fortini, Ancelmo Campagnolo e o redator – chefe, Heitor Gonzáles. Os novos profissionais revitalizaram a programação, resultando em aumento da audiência em todos os municípios onde chegava seu sinal.

Com sua estrutura fortalecida, quando ainda era utilizada como vínculo partidário, a Catarinense conseguiu servir aos propósitos políticos de seus mantenedores elegendo diversos nomes da UDN regional, como Brasília Celestino de Oliveira - Senador, uma das maiores conquistas de Joaçaba e região em todos os tempos; Romano Massignan - Deputado Federal, e vários deputados estaduais entre os quais Walter Zigelli, que ganhara popularidade através da Rádio Catarinense com seu programa “*Falando a Verdade*”, também apresentado por Adolfo Zigelli.

Esse processo de crescimento acontecia de forma contínua até que ocorreu o golpe militar em 31 de março de 1964. Aí, muitas rádios brasileiras procuraram provocar uma insurreição popular contra o novo regime. Porém, não conseguiram evitar que tomassem o poder. O movimento de contestação encontrou em muitas rádios uma base sólida de luta.